CORREIO POPULAR
Publicado em 15/09/2024 - 05:53

Paulínia investe na diversificação de sua economia, diz Du Cazellato

Manuel Alves Filho
Bruno Luporini
Bruno.luporini@rac.com.br

Kamá Ribeiro

O Teatro Municipal de Paulínia, outrora reconhecido como um dos mais bem equipados do país, necessita de uma reforma completa, pois todo o seu interior, feito de madeira, está infestado por cupins; o custo estimado para a restauração varia entre R$ 4 e R$ 5 milhões

ENTREVISTA

Paulínia investe em diversificação econômica

Prefeito Du Cazellato celebra estabilidade administrativa e financeira e procura atrair empresas fora do setor petroquímico

Denny Cesare

O prefeito de Paulínia, Ednilson Cazellato, o Du Cazellato, que concluirá seu mandato em dezembro, comemora a estabilidade política e administrativa

> **Nesses 76 dias, tive que trabalhar com o que tinha: apenas R$ 73 mil no caixa, numa cidade que movimenta R$ 140 milhões por mês. A Lei de Responsabilidade Fiscal estava consumindo 58% da receita. Então, foi muito trabalho para equilibrar as receitas**

Após um período conturbado marcado por sucessivas mudanças de prefeitos e escândalos, Paulínia finalmente alcançou estabilidade política e administrativa. Esse cenário positivo tem permitido ao município avançar em setores como saúde, educação e segurança pública. Essa é a avaliação do atual prefeito, Ednilson Cazellato (PL), mais conhecido como Du Cazellato, que concluirá seu mandato em dezembro. Ele destaca que a confiança do empresariado na administração municipal foi restaurada, o que tem incentivado novos investimentos na cidade. "Anteriormente, os empresários não tinham confiança para investir aqui, mas isso mudou completamente", afirma Cazellato. Um dos objetivos de sua gestão foi atrair empresas fora do tradicional polo petroquímico, visando diversificar a economia local.

Em visita ao **Correio Popular**, onde foi recebido por Ítalo Hamilton Barioni, presidente-executivo do jornal, Du Cazellato, originário do bairro Betel em Paulínia, contou que sempre teve um vínculo forte com a cidade. Nascido em Campinas em 1971 devido à falta de maternidade em Paulínia naquela época, ele cresceu trabalhando no mercado de secos e molhados da família, fundado em 1941. O estabelecimento atendia cerca de 100 colonos e vendia uma variedade de produtos, com pagamentos geralmente feitos após as colheitas. Seu interesse por política surgiu no final dos anos 1980, quando começou a se envolver em campanhas eleitorais. Ele recorda o plebiscito de 1991, que integrou o bairro Betel a Paulínia, destacando problemas de infraestrutura enfrentados na época.

Sua carreira política começou em 2004, quando se candidatou a vereador, mas não foi eleito por uma margem estreita de 47 votos. Tentou novamente em 2008 sem sucesso, mas em 2012 foi eleito vereador com 1.528 votos, sendo o segundo mais votado. Em 2019, tornou-se prefeito ao vencer uma eleição suplementar e foi reeleito em 2020, tornando-se o primeiro prefeito a completar um mandato em Paulínia desde 2009. Du Cazellato reflete sobre sua gestão, o recente histórico político da cidade e os futuros investimentos planejados para o município.

Após sua eleição como vereador, qual foi sua avaliação inicial sobre o estado da cidade de Paulínia? Considerando os desafios e disputas políticas que marcaram a última década, quais foram as principais questões e condições que o senhor encontrou ao assumir o cargo?

Quando fui eleito em 2012, para o ciclo 2013-2016, o clima político estava péssimo. A cidade estava dividida entre dois grupos: o do Pavan (ex-prefeito José Pavan Júnior) e o do Edson Moura. Era uma briga constante. Quem perdia, corria para a Justiça para tentar tomar a cadeira do outro. Aí, quando conseguia, o outro fazia a mesma coisa. Enquanto isso, a Prefeitura ficava nas mãos do presidente da Câmara, que assumia por um mês, 15 dias, e depois voltava o prefeito que tinha ganhado a eleição. Uma bagunça total!

E quais foram as medidas tomadas para tentar reverter a situação até a posse como prefeito?

Fui reeleito (vereador) em 2016, como o mais votado para ser presidente da Câmara Municipal. Fui fazendo a gestão do dinheiro público, que é diferente de fazer gestão do dinheiro da casa, do mercado, tem gente que acha que é igual, mas não. Os processos no setor público são mais morosos. Então, onde tinham gastos exorbitantes, contratos sem necessidade de existirem, foram cortados, entre 2017 e 2018 devolvemos mais de R$ 10 milhões para os cofres públicos, isso sem alterar a estrutura da Câmara. Depois que o prefeito foi cassado, eu assumi a Prefeitura no final do meu mandato da Câmara, através de uma decisão judicial. Fiquei 76 dias, até o dia 31 de dezembro. O novo presidente da Câmara tentou assumir a Prefeitura a força. Eu estava cumprindo a decisão judicial e disse a ele que fosse buscar a posse na Justiça. Então, ele (Antônio Miguel Ferrari, o Loira) assumiu a Prefeitura no dia 1 de janeiro, mas oficialmente foi em 19 de janeiro (2019). Nesse tempo ele veio chutando e quebrando as portas, estourou vidros, quase que me tirou da cadeira no tapa. Mas eu estava cumprindo uma determinação da Justiça, não podia simplesmente entregar a chave para ele. O processo foi novamente para a Justiça, o Judiciário de Paulínia negou [a posse de Loira], mas um desembargador de São Paulo concedeu, então ele ficou nove meses no cargo e eu voltei à minha função de vereador. Foram meses de expectativa à espera de uma eleição suplementar. Eu convoquei o suplente, desliguei meus assessores e me afastei da função para fazer campanha na rua, pedindo voto. Três meses depois foi marcada a suplementar e eu ganhei com dois mil votos a mais do que o segundo colocado. Tomei posse no dia 7 de outubro, totalizando um ano e três meses no cargo, até 31 de dezembro de 2020.

Como foi assumir a Prefeitura nesses 76 dias, com qual cenário o senhor se deparou?

Nesses 76 dias, tive que trabalhar com o que tinha: apenas R$ 73 mil no caixa, numa cidade que movimenta R$ 140 milhões por mês. A Lei de Responsabilidade Fiscal estava consumindo 58% da receita. Então, foi muito trabalho para equilibrar as receitas. Em 2020, fui reeleito, mas foi extremamente complicado por causa da pandemia. Sem dúvida, foi o pior momento da minha gestão.

Foi pior do que assumir a Prefeitura em 2018?

Foi sim, primeiro porque eu não sou formado na área médica, então montamos um comitê para ouvir médicos, enfermeiros, todos da saúde. Precisava investir em equipamento, mas não tinha no mercado. Foi assustador acordar e ver quantas pessoas haviam falecido, tendo que escolher qual atitude tomar. Foi o pior momento da minha vida.

Prefeito, como o senhor lidou com a questão das finanças naquele momento? Quais medidas foram adotadas? Teve renegociação de contratos e cortes de gastos?

Para se ter uma ideia, quando assumi em outubro de 2019, havia uma fila de mais de 200 pessoas para cirurgia de órtese e prótese. Falei com o secretário de Saúde, que se tivesse que comprar no emergencial, nós íamos comprar, então começamos a contatar os fornecedores, mas ninguém atendia. Até que uma empresa informou que, não só ela, mas das 12 empresas responsáveis em fornecer órteses e próteses, nenhuma iria nos atender, por que a Prefeitura estava devendo para todas. Tivemos que negociar, pois não havia dinheiro na época, e eu me comprometi a pagar assim que virasse dezembro e valesse o novo orçamento, porque a Prefeitura teria o dinheiro, efetivando o pagamento até fevereiro, como foi feito. Os empresários aceitaram e saímos da reunião com as órteses e próteses garantidas.

Era uma questão de confiança, de credibilidade na Prefeitura, então?

Exatamente. Foi assim que tratamos vários contratos. Chamamos os empresários e pedimos a colaboração deles, para que confiassem na nossa administração. Com isso, fomos zerando as filas de órteses e de catarata. Não tínhamos tomógrafo funcionando e só havia um aparelho de raio-x, que era obsoleto e quebrava diariamente. Era necessário investir, especialmente com a chegada da pandemia. Enquanto outras cidades estavam fazendo hospitais de campanha, fizemos um orçamento e vimos que custaria R$ 5 milhões para instalar um na nossa cidade. Como já tínhamos um hospital com partes ociosas, decidimos investir nele, porque assim ficaríamos com o equipamento. Hoje, o hospital é uma referência. Ainda não é o ideal, porque na saúde o investimento tem que ser constante. Outro detalhe é que esse hospital tem portas abertas, não negamos atendimento a ninguém, então as cidades vizinhas também utilizam. Agora temos aparelhos de raio-x, tomógrafos, aparelho de laparoscopia, e por aí vai. Esse investimento reduziu as filas e atraiu pessoas de fora para o hospital, que agora atende cerca de mil pessoas por dia.

O senhor tem uma estimativa de qual percentual dos atendimentos é destinado a pessoas de fora da cidade?

Foi feita uma pesquisa, estamos atingindo quase 40% do atendimento com pessoas de fora de Paulínia. Em 2019 pegamos o hospital com 4 leitos, hoje temos 17, todos equipados.

Embora não seja diretamente uma responsabilidade do município, a segurança pública é uma preocupação constante e crescente para a administração local. Como está sendo abordada a questão da segurança pública em Paulínia?

A guarda municipal não conseguia atender toda a cidade, então investimos no Centro de Operação Integrada, o COI, que é um centro que monitora 100% do município, com 200 câmeras que conseguem puxar até dois quilômetros de zoom. Trocamos toda a frota da GM para carros zero Km, aumentamos a frota em mais dez motocicletas, agilizando o atendimento. Foram trocadas as armas que estavam ultrapassadas, para equipamentos importados.

Esse é o cenário ideal? O que mais pode ser feito para qualificar a segurança?

A única coisa que precisamos investir mais é no efetivo, contratar mais guardas. Precisamos contratar também mais profissionais para a saúde e educação. Nós precisamos cortar custos. DEvido aos dois anos de pandemia não pudemos abrir concursos públicos, até porque a folha já estava saturada em 58%. Agora, conseguimos reduzir para 44%. Então conseguimos fazer um concurso para contratar mais médicos e médicos da família, as convocações começaram em julho, no total são mais 87 médicos de todas as especialidades. Vamos ver qual será o impacto disso na folha para que possamos abrir concurso para a Guarda. A meta é contratar mais 100 profissionais para o efetivo e, em seguida, para professores e educadores.

Como estão os aparelhos educacionais da cidade?

Nós temos 58 prédios públicos da educação, entre escolas e creches, além das 27 creches terceirizadas, acordadas com o Ministério Público. Assim conseguimos zerar todas as filas. Todos esses prédios são monitorados pela Guarda Municipal. Os alambrados foram substituídos por gradis, dando mais segurança para o morador que leva seu filho e também para o próprio aluno. Todas as salas de aula foram informatizadas, com lousas digitais. Foram trocados todos os mobiliários, mesas, carteiras, armários, em todas as salas, para ficarem padronizadas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Copyright © Clipclap 2025.